

**AS CATEGORIAS DE TEMPO E PESSOA SOB A PERSPECTIVA
BENVENISTIANA: A SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE NA APRESENTAÇÃO
DE DUAS OBRAS**

Caroline Mitidieri SELVERO

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

RESUMO: O presente trabalho foi realizado com o objetivo de verificar e contrastar como o sujeito marca-se no enunciado da apresentação de livros didáticos de Espanhol Língua Estrangeira, a partir das marcas enunciativas presentes nas categorias de pessoa e de tempo. Do mesmo modo, objetiva-se comparar a subjetividade e a objetividade dos sujeitos da enunciação nas apresentações dos livros acima aludidos. Para a realização das análises enunciativas dos materiais verificados, os estudos de Émile Benveniste servirão como embasamento teórico.

PALAVRAS-CHAVE: Benveniste. Tempo. Pessoa. Livros Didáticos. Língua Estrangeira.

**THE CATEGORIES OF TIME AND PERSON IN BENVENISTE’S PERSPECTIVE: THE
SUBJECTIVITY AND OBJECTIVITY IN THE PRESENTATION OF TWO TEXTBOOKS**

ABSTRACT: The present study was done to verify and to contrast how the subject marks itself in the statement of the submission as a Foreign Language of Spanish’s textbooks, from present enunciative marks in the categories of person and time. In this way, the objective is compare the subjectivity and objectivity of the enunciation’s subject in the presentations of books alluded to above. To do the analyzes of enunciative verified materials, studies of Emile Benveniste will serve as the theoretical basis.

KEYWORDS: Benveniste. Time. Person. Textbooks. Foreign Language.

LAS CATEGORÍAS DE TIEMPO Y PERSONA EN LA PERSPECTIVA BENVENISTIANA: LA SUBJETIVIDAD Y LA OBJETIVIDAD EN LA PRESENTACIÓN DE DOS OBRAS

RESUMEN: El presente estudio fue hecho con el objetivo de verificar y contrastar como el sujeto se marca en el enunciado de la presentación de libros didácticos de Español como Lengua Extranjera, a partir de las marcas enunciativas presentes en las categorías de persona y de tiempo. Del mismo modo, el objetivo es comparar la subjetividad y la objetividad de los sujetos de la enunciación en las presentaciones de los libros anteriormente mencionados. Para la realización de los análisis enunciativos de los materiales verificados, los estudios de Émile Benveniste serán utilizados como base teórica.

PALABRAS CLAVE: Benveniste. Tiempo. Persona. Libros Didácticos. Lengua Extranjera.

INTRODUÇÃO

Para efetuar o trabalho, foram analisadas duas apresentações (*Presentación*) de livros didáticos de ensino de espanhol; um de *Espanhol para Viagens* realizado pelo Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (Cepesli/UFSM) publicado em 2010 e outro do *Curso de Conversación en Lengua Española* do Centro de Estudos sobre Práticas Linguísticas e Culturais do Projeto Entrelínguas/UFSM de 2008.

O Cepesli é um espaço dedicado ao ensino instrumental de línguas espanhola e portuguesa que oferece a professores, alunos de graduação e pós-graduação o desenvolvimento de projetos e de pesquisas sobre o processo de ensino aprendizagem de línguas. Os trabalhos desenvolvidos estão relacionados com a produção de material didático; formação de professores; crenças na educação e avaliação da aprendizagem. No local, são oferecidos cursos de língua instrumental como atividades de extensão (português e espanhol como línguas estrangeiras) para a comunidade do Mercosul. O Centro é composto de um coordenador, professores e alunos de graduação e de pós-graduação, professores da UFSM, de outras instituições de ensino superior e da rede pública de ensino.

O Entrelínguas, por sua vez, é um centro de pesquisa, ensino e extensão que desenvolve atividades de pesquisa sobre política de línguas, línguas em contato e espaços de enunciação de línguas. O centro é composto de um coordenador, alunos de graduação e de

pós-graduação, também é um posto aplicador de exames de proficiência de PLE (CELPE-BRAS) e de E/LE(CELU). Além disso, ele possibilita desenvolver pesquisa sobre Português Língua Estrangeira e Espanhol Língua Estrangeira como políticas linguísticas. Ademais, lá são oferecidos cursos de Português e de Espanhol Línguas Estrangeiras em - leitura e conversação.

Dentro dessa conjuntura, o corpus da análise é a apresentação (*Presentación*) de dois livros didáticos, um gênero didático, ou seja, uma forma verbal desenvolvida para uma determinada prática social. Com isso, procurar-se-á verificar e contrastar como o sujeito marca-se no enunciado da apresentação de livros didáticos, a partir das marcas enunciativas presentes nas categorias de pessoa e de tempo.

Do mesmo modo, tem-se a intenção de comparar a subjetividade e a objetividade dos sujeitos da enunciação nas apresentações dos livros anteriormente citados. Por fim, para a realização das análises enunciativas desses gêneros do discurso, especificamente, didáticos, os estudos de Émile Benveniste e de estudiosos que seguem seu paradigma servirão como embasamento teórico.

1. REVISÃO DE LITERATURA

Para dar sustentação teórica para este trabalho, utilizou-se o pensamento de Benveniste, especialmente os artigos presentes nos livros *Problemas de Linguística Geral I e II* (1989, 1991, 2006). Também foram usadas algumas obras de teóricos que fizeram uma releitura de Benveniste, mais especificamente das categorias de pessoa e tempo. Para tanto, nesta sessão, serão focalizados alguns conceitos desenvolvidos por Benveniste, tais como sujeito, temporalidade, língua, locutor e alocutário, conceitos estes que representam o fundamento teórico para as análises que serão realizadas no presente trabalho. Para isso, foram escolhidas concepções presentes em alguns artigos do autor acima mencionado: *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *A linguagem e a experiência humana* (1965), *A forma e o sentido da linguagem* (1966) e *O aparelho formal de enunciação* (1970).

Benveniste aponta o fato de a linguagem ser um instrumento, pois admite que ela está na natureza do homem, de modo que não foi fabricada, possui natureza imaterial, funcionamento simbólico, organização articulada, conteúdo e a palavra é reconhecida como a sua atualização. A linguagem, com isso, está diretamente relacionada com a definição de homem. A partir de Benveniste, entende-se que, no sistema da língua, existem estruturas que somente fazem sentido na enunciação, ou seja, no uso efetivo da fala.

Benveniste (1991), acredita que o pronome *eu* só pode ser definido na locução, pois *eu* é o sujeito que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*. Assim, ao introduzir a situação de *alocução*, obtém-se uma definição simétrica para *tu*. Com isso, o *eu* só pode definir-se em termos de locução, enquanto que o pronome *tu* é instaurado pela enunciação que contém o pronome *eu* e, por isso, entende-se o *tu* como sujeito alocutado na instância do discurso.

Nessa conjuntura, o pronome *eu* surge evocando o pronome *tu* com a intenção de oporem-se a *ele*. Quando alguém utiliza os pronomes, o *eu* se transforma cada vez em um novo sujeito e faz com que seja determinada a possibilidade de discurso. Além dos pronomes pessoais, os demonstrativos ao indicar os objetos organizam o espaço e também trabalham nessa mesma perspectiva, no entanto, fora do discurso o pronome é uma forma vazia.

Nesse viés, Benveniste (1991) estende para língua a oposição essencial aos pronomes que está relacionada ao fato de que há signos que possuem uma noção constante e objetiva e outros que se atualizam no discurso e são denominados indicadores de subjetividade. Com isso, a primeira e a segunda pessoa podem ser consideradas como indicadores de subjetividade, da mesma maneira que os pronomes demonstrativos, alguns advérbios e o tempo. É importante salientar que são signos vazios, ou seja, sem referência material e se tornam plenos com a atualização do locutor. Além disso, eles possuem, como centro de referência, a primeira pessoa, e a função principal é transformar a língua em discurso.

A partir dessas colocações, Benveniste (1991), defende que essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e pelo seu status linguístico. O homem se constitui como sujeito na linguagem, pois ela fundamenta-se na realidade, a do ser. Além disso, os pronomes pessoais são os primeiros pontos de apoio para a subjetividade e são indicadores da dêixis. A dêixis pode ser percebida materialmente num enunciado através de algumas formas (demonstrativos, advérbios, adjetivos, verbos) que a língua empresta ao indivíduo que deseja enunciar e, quando o faz, transforma-se em sujeito. A questão da subjetividade estava em construção para Benveniste (1991). Este descreve os indicadores de subjetividade a partir da definição do aparelho formal da enunciação.

Segundo Benveniste (1991), a subjetividade é entendida como a capacidade do locutor para se propor como sujeito, e essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. A consciência de si só é possível pelo contraste estabelecido entre *eu - tu*, pois, na linguagem, essa polaridade de pessoas é essencial, e, a partir dessa realidade dialética, o diálogo estabelecido é constitutivo de pessoa. No entanto, a terceira pessoa *ele* não é marcada pela correlação de pessoa, pois a unicidade de *ele* está ligada à sua independência com relação à enunciação. Pode-se considerar que, na classe formal de pronomes, os nomeados como *terceira pessoa* são diferentes de *eu* e *tu* pela sua função e natureza, pois só servem como substitutos abreviativos.

Benveniste (2006) explica a questão da individualidade causada pela utilização do *eu* por oposição a *tu* e *ele*. Assim, quem fala refere-se pelo indicador *eu* a ele mesmo que fala e, desse modo, o ato de discurso que enuncia *eu* surgirá cada vez que for reproduzido como o mesmo ato para quem o entende e para o que o enuncia, sendo considerado como um ato novo porque é realizado por um locutor em um novo momento do tempo. Por isso, na ação do discurso, a noção de pessoa é introduzida e reconhecida como um elemento essencial para que a linguagem se estabeleça.

O autor também problematiza a questão do tempo. A temporalidade revela a subjetividade própria do exercício da linguagem, da mesma maneira que propõe formas vazias

que o locutor se apropria quando se define como *eu* e nomeia um parceiro, designado como *tu*; com isso, é criada a noção de pessoa. A língua distingue tempos, passado ou futuro, separados por um presente do discurso que é considerado como o tempo que se fala, ou seja, interior ao discurso.

Para Benveniste (2006), nenhuma forma linguística é tão difícil de explorar e, ao mesmo tempo, tão rica como as que manifestam tempo para revelar a experiência subjetiva e, para isso, é necessário compreender em que nível de expressão linguística é possível encontrar a noção de tempo. Entende-se que tanto o tempo físico como o crônico possuem uma versão objetiva e outra subjetiva.

O tempo físico, segundo o autor, é linear, uniforme, infinito e possui um correlato psíquico relacionado com as emoções de cada indivíduo, e tempo crônico é o tempo dos acontecimentos. Nesse momento, pode-se pensar em um observador que, ao refletir sobre os acontecimentos realizados, pode percorrê-los do passado ao presente ou do presente ao passado. Assim, percebe-se que os acontecimentos estão no tempo, na verdade tudo está no tempo, com exceção do próprio tempo.

O tempo linguístico, para Benveniste (2006), manifesta-se no tempo crônico e no físico. No entanto, diferencia-se pelo fato de estar ligado ao exercício da fala que está diretamente relacionado ao discurso. O tempo considerado é o mesmo da instância da fala, ou seja, o presente é reinventado a todo o momento em que um homem fala.

Nesse prisma, Benveniste (2006, p. 74) acredita que “o que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. O presente linguístico é a única expressão temporal, pois determina as outras referências de tempo e pode ser considerado como o embasamento das oposições temporais da língua. Por fim, entende-se que o ato de fala é individual, e a instância de que resulta o presente é cada vez nova. Assim, o tempo do discurso funciona como um

fator de intersubjetividade, e esta é uma condição para tornar possível a comunicação linguística.

Além disso, Benveniste (2006, p.74) admite que “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo”. Desse modo, as categorias de pessoa e de tempo se constituem como modalidades elementares, independentes de toda determinação cultural e, através delas, pode-se visualizar a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem. Com isso, pode-se entender que a especificidade do tempo linguístico, segundo o autor, está no fato de que ele se liga diretamente à enunciação; esse tempo é centrado no presente da instância de discurso.

O tempo linguístico, dentro dessa ótica, é o tempo da língua que é estabelecido cada vez que o sujeito enuncia. E, assim, cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do presente acaba situando o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso pela qual foi mencionado. Dessa forma, entende-se que se trata de um tempo presente que é estabelecido a cada nova enunciação, um tempo axial (eu, aqui, agora), marcando a justaposição entre acontecimento e discurso. Portanto, a noção de tempo linguístico desenvolvida por Benveniste (2006), aponta para o estabelecimento do tempo presente que, com a afirmação desse eixo temporal na língua, acaba por guiar a experiência de vida dos que a falam.

Outrossim, Benveniste (1989), no decorrer de seus escritos, aborda a linguagem como uma atividade significativa. Isso ocorre em função de que qualquer espécie de atividade que represente algo necessita da linguagem para expressar a significação. Assim, no artigo *A forma e o sentido da linguagem* (1989), o autor admite que a natureza da linguagem é significar e, “antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver (p. 222)”. Ao passo que Saussure acreditava que a língua era um sistema de signos, Benveniste pensava que era necessário ir além da língua como um sistema significativo.

A enunciação é definida como “colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82) e pode ser estudada sob distintos aspectos. O primeiro está relacionado com a realização vocal da língua, englobando a diversidade das situações em que a enunciação é realizada. Pode-se pensar que é o fato de o locutor utilizar-se da língua como um instrumento. O segundo é o mecanismo da produção, é o fato de a enunciação ser a conversão individual da língua em discurso, pois é quando o sentido se estabelece nas palavras. E o último aspecto consiste em definir a enunciação no quadro formal de sua realização.

Ademais, o autor aponta que as condições de emprego das formas não são idênticas às condições de emprego das línguas. O emprego das formas está relacionado com um número amplo e variado de modelos, que compreendem elementos essenciais. O emprego da língua, no entanto, a afeta em toda a sua amplitude. Partindo-se da enunciação, será considerado somente o ato, os instrumentos que promovem a sua realização. O ato individual de utilização da língua introduz o locutor como necessidade para que a enunciação ocorra. Desse modo, a língua antes da enunciação é apenas possibilidade e após a enunciação, quando é efetuada em uma instância de discurso, que provém de um locutor, a forma sonora alcança um ouvinte e que pode provocar outra enunciação de retorno.

A enunciação, para Benveniste (1989), pode ser definida como um processo de apropriação, no qual o locutor se apropria do aparelho formal da língua para proferir a sua posição através de dêiticos, índices específicos, e de procedimentos acessórios. Toda a enunciação é uma alocução que demanda um alocutário, pois o locutor assume o outro diante de si.

Segundo Benveniste (1989), uma característica da enunciação é o fortalecimento da relação discursiva com o parceiro, de modo que a enunciação coloca duas figuras que formam a estrutura do diálogo. Um dado constitutivo da enunciação é o ato individual de apropriação da língua. Essa descrição implica a emergência dos índices de pessoa (relação *eu – tu*) que se produz na e pela enunciação. Os índices de ostensão são relacionados à estrutura de

enunciação (aqui, este, entre outros) e os pronomes pessoais e os demonstrativos surgem como *indivíduos linguísticos* que nascem cada vez que uma enunciação é proferida. Por fim, surgem os termos que estão relacionados com a enunciação constituída pelo paradigma inteiro, são as formas temporais que são determinadas em relação ao centro da enunciação, ao EGO, ou seja, o presente, o tempo verbal indicando temporalidade faz parte deste aparelho.

O locutor, de acordo com Benveniste (1989), quando assume a língua, influenciando-o de algum modo, tem à sua disposição modos para se manifestar, um aparelho de funções. Pode enunciar, por meio da interrogação, intimação, asserção e outras modalidades formais (modos verbais), fraseologia, preservando os termos usados pelo autor. A partir dessas colocações, é possível dizer que as condições de emprego das formas e da língua são condições diferenciadas, e que a enunciação está presente na língua inteira, pois toda ela pode ser enunciada. Esse ato é realizado por um “eu” na tentativa de relacionar-se com o mundo em um momento inédito, único e em um contexto particular, de modo que o homem, ao falar, recria, a cada instante, a língua.

Fiorin (1999, p.45) destaca que “a eliminação das marcas de enunciação do texto, ou seja, da enunciação enunciada, fazendo com que o discurso se construa apenas com enunciado, produz efeitos de sentido de objetividade”. Com isso, pode-se compreender que o apagamento das marcas enunciativas constrói um discurso objetivo.

No presente trabalho, pretende-se fazer uma comparação entre as marcas da subjetividade e da objetividade no gênero do discurso que será analisado. Para isso, sabe-se que a subjetividade, para Benveniste (1989), está relacionada com a utilização do par *eu-tu* à noção de pessoa e *ele/ela* à noção de não-pessoa, porque a unicidade de *ele* está ligada à sua independência com relação à enunciação. Portanto, não remete ao momento da enunciação, podendo ser considerada como uma porção objetiva da língua, na qual o mundo e a cultura estão inseridos, entre outros. Dentro desse pressuposto, quando se considera a correlação de

personalidade, *eu-tu* e *ele*, tudo o que é do comando de *ele* passa a ser enunciado por *eu* e com isso faz parte da enunciação.

2. GÊNERO DO DISCURSO: UMA PRÁTICA SOCIAL

Os livros didáticos são gêneros do discurso, conhecidos como didáticos. Segundo Bakhtin (1997, p.312) “o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado”. Assim, pode-se inferir que os gêneros de discurso que oferecem menos possibilidade para refletir sobre a individualidade ou subjetividade na língua são os gêneros que requerem uma forma padronizada em sua elaboração, pois permitem somente a reflexão sobre aspectos superficiais. Neste caso, são os documentos oficiais, militares, entre outros.

Bakhtin (1997) define gêneros do discurso como formas típicas e estáveis de enunciado escrito ou oral, que transmitem informações da história da sociedade para a história da língua. Eles possuem uma variedade infinita e um repertório rico que vai de acordo com o conteúdo, com o estilo verbal e com a construção composicional do enunciado:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p.279).

Os gêneros do discurso possuem uma diversidade, de acordo com Bakhtin (1997), torna-se fundamental diferenciar, os gêneros primários dos secundários. Nesse sentido, os gêneros primários podem ser considerados como simples, imediatos e espontâneos, e, muitas vezes, são componentes dos secundários, que são complexos e evoluídos. Assim, um romance

é um gênero secundário que é composto por gêneros primários, como os diálogos ou as cartas, por exemplo.

Para Bakhtin (1997), é possível compreender que o estilo é o estilo de um gênero característico de uma atividade e da comunicação humana e, do mesmo modo, é um elemento que faz parte da unidade do gênero de um enunciado. Portanto, quando há estilo, há gênero. Pode-se dizer que o enunciado, em conjunto com seu estilo e com sua composição são determinados pelo objeto do sentido, pela expressividade e pela relação que o locutor estabelece com o enunciado. Bakhtin (1997, p. 283) destaca:

Na maioria dos gêneros do discurso (com exceção dos gêneros artísticos literários), o estilo individual não entra na intenção do enunciado, não serve exclusivamente às suas necessidades, sendo, por assim dizer, seu epifenômeno, seu produto complementar. A variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual, e o estilo individual pode relacionar-se de diferentes maneiras com a língua comum.

Para Marcuschi (2008), os gêneros são definidos em critérios externos (sócio-comunicativos e discursivos); nível da linguagem (formal, informal, culta, entre outros); natureza da informação ou do conteúdo que está sendo difundido; tipo de situação em que o gênero está situado (pública, privada, comum, solene etc.); relação entre os participantes (conhecidos, desconhecidos, nível social, formação, por exemplo) e a natureza dos objetivos das atividades que estão sendo desenvolvidas.

Uma questão fundamental, para Bakhtin (2007, p. 290), está relacionada com a presença do “outro”, ou do ouvinte “que recebe e compreende a significação (linguística) que um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar”. Assim, toda a compreensão carrega uma possibilidade de resposta, de modo que o ouvinte torna-se locutor e o sujeito da enunciação pode ser, nessa conjuntura, em certa medida, o

responsável pela produção de sentido. Desse modo, pode-se pensar que a fonte de sentido está diretamente relacionada com a formação discursiva a que o enunciado pertence.

Assim, compreende-se que os textos possuem algumas semelhanças, pois são atividades sócio-discursivas. Com isso, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros, pois como no caso do presente trabalho, percebe-se que as apresentações dos livros didáticos possuem características comuns que compõem um mesmo tipo de gênero do discurso, ou seja, são compostos por um conteúdo, um estilo verbal e uma determinada construção composicional do enunciado.

3. METODOLOGIA

O corpus da análise é a *Presentación* de dois livros de espanhol para viagens. O primeiro é elaborado para alunos, futuros turistas, que têm a intenção de aprenderem a língua espanhola, e o segundo se destina a um curso de conversação em língua espanhola, com os quais se procurará verificar e contrastar como o sujeito se marca no enunciado da apresentação dos livros, a partir das marcas enunciativas presentes nas categorias de pessoa e de tempo. Do mesmo modo, pretende-se comparar a subjetividade e a objetividade dos sujeitos da enunciação nas apresentações de gêneros didáticos.

Os recortes analisados dos livros fazem parte de um mesmo gênero didático, o de *Presentación*, isto é, uma apresentação do livro. A partir daí, pode-se pressupor que todos os materiais possuem um mesmo tipo de informações, e isso também será verificado.

4. ANÁLISE

Conforme foi comentado anteriormente, a partir do dispositivo teórico da linguística da enunciação desenvolvida por Benveniste, serão analisadas e comparadas as apresentações de dois livros didáticos. As categorias de tempo e pessoa presentes têm influência direta na subjetividade e na objetividade apresentadas nos recortes dos materiais que serão analisados.

4.1 ESPANHOL PARA VIAGEM

A palavra *Presentación*, título da apresentação desse livro didático, no dicionário Señas (2001), é definida como apresentação, o que oferece ao locutário um primeiro contato com o que livro didático tem para oferecer. A *Presentación*, neste caso, faz parte de um livro de espanhol para viagens, elaborado para alunos, futuros turistas, que têm a intenção de aprenderem a língua espanhola, própria dos países que irão visitar.

A *Presentación* do livro didático é escrita em língua espanhola, na qual não existe a assinatura do locutor, fato este que deixa subentendido que o recorte de apresentação do livro pode ter sido escrito por qualquer locutário que auxiliou na elaboração do material. Em uma sequência tipológica expositiva, aparece a localização do centro de ensino que oferece o curso de espanhol instrumental, apresentando ao locutário dados relacionados ao centro de ensino para uma busca posterior por um outro curso, por exemplo.

Ubicación del centro

Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (Cepesli)
Prédio 67, sala 1103, campus Camobi, UFSM, Tel: 32209582
E-mail: cepesli.ufsm@gmail.com

Entende-se que subtítulos como *Presentación*, *Objetivo del curso viajando con E/LE*, *Ubicación del centro* estão destacados em negrito, em evidência, para prenderem a atenção do locutário, da mesma forma para auxiliarem na organização do texto a fim de facilitarem a procura das informações desejadas. Pela mesma razão, o nome do centro que oferece os cursos é mostrado em destaque, em itálico, *Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (CEPESLI)*. De acordo com Benveniste (1989, p. 234), a língua “não diz nem oculta, mas ela significa”, a partir dessa colocação consegue-se entender que tanto o negrito quanto o itálico utilizados pelo locutor em alguns momentos na *Presentación*, por estarem relacionados com a forma, possuem um sentido.

O texto em questão foi basicamente desenvolvido em uma sequência tipológica descritiva, pois os enunciados são desenvolvidos com uma estrutura simples de verbos no presente: *Hoy en día la lengua española tiene un papel social relevante*. O primeiro parágrafo inicia pela expressão *Hoy en día* vai de acordo com o tempo que, segundo Fiorin (1999), Benveniste destaca que uma coisa é localizar um acontecimento no tempo crônico e outra é inferi-lo no tempo da língua. Assim, existe um tempo específico da língua, na qual eixo ordenador do tempo é o momento da enunciação; neste caso, o hoje do enunciador é o hoje do enunciatário. Desse modo, ocorre a junção entre o tempo linguístico e o tempo do enunciador.

Também é possível perceber que existe a presença da visão tipológica expositiva, pois os enunciados apresentam sequências explicativas: *Es un centro que tiene como propósito desarrollar investigaciones en el área de lenguas instrumentales*.

Pode-se considerar que em: *Por este motivo conocer este idioma es algo muy importante para nuestra sociedad* está sendo comunicada uma certeza por parte do locutor, nomeada por Benveniste (1989) como uma asserção, ou seja, um indicativo da presença do locutor na enunciação que sempre gera uma resposta do outro.

O tempo linguístico, de acordo com Benveniste (2006), diferencia-se pelo fato de estar ligado ao exercício da fala que está diretamente relacionado ao discurso. Assim, o tempo considerado é o mesmo da instância da fala, ou seja, o presente é reinventado a todo o momento em que um homem fala. Por isso, o presente linguístico é a única expressão temporal que determina as outras referências de tempo e pode ser considerado como o embasamento das oposições temporais da língua. Por fim, entende-se que o ato de fala é individual, e a instância de que resulta o presente é cada vez nova. Assim, o tempo do discurso funciona como um fator de intersubjetividade, e esta é uma condição para tornar possível a comunicação linguística.

O locutor refere-se ao alocutário em terceira pessoa do singular. Seguindo o pensamento de Fiorin (1989), a terceira pessoa possui uma situação diferenciada na conjugação, o que indica que *eu*, *tu* e *ele* têm um estatuto distinto, de forma que, enquanto *eu* e *tu* são cada vez únicos, o *ele* pode ser vários, qualquer ou nenhum sujeito. Com isso, ocorrem duas correlações, a de pessoalidade (pessoa subjetiva *eu-tu*) e a de não pessoa (pessoa não subjetiva *ele*). Desse modo, no texto em análise, é admissível dizer que o locutor procura manter a neutralidade com o alocutário, a objetividade, não influenciando em suas decisões, somente deixando ciente de algumas informações.

De acordo com Benveniste, ao aplicar o *eu-tu* à noção de pessoa e o *ele/ela* à noção de não-pessoa, porção objetiva da língua onde se localiza o mundo, porque não emite ao momento da enunciação. Quando se considera a correlação de pessoalidade, *eu-tu* e *ele*, tudo o que é do comando de *ele* passa a ser enunciado por *eu* e assim faz parte da enunciação, no entanto, possui marcas de objetividade: *Hoy en día, la lengua española tiene un papel social relevante, por sus relaciones; el idioma es algo muy importante; es un centro que tiene como propósito; entre sus acciones están los cursos; el curso posee, para que puedan comunicarse.*

Os verbos *tiene*, *posee* são verbos na terceira pessoa do singular no presente do indicativo e tem-se conhecimento de que o presente é o tempo da enunciação e, para Benveniste (1989), a origem do tempo. Em *para que puedan comunicarse*, é uma oração subordinada que está dialogando com um enunciado anterior.

No decorrer do texto, podem ser observados pronomes possessivos (*sus*, *nuestra*), bem como a presença de pronomes demonstrativos (*ese*, *este*) advérbios (*día*) que, de acordo com Benveniste (1991), organizam-se como indicadores de pessoa, conhecidos como índices ostensivos. Ex: *Por ese motivo conocer este idioma*. Para Fiorin (1989, p.266), “o pronome demonstrativo atualiza um ser no discurso, situando-o no espaço” e, *este* e *ese* indicam o espaço da cena enunciativa.

Portanto, os índices ostensivos indicam um objeto que é concomitante com a instância de discurso. Segundo Benveniste (1989, p. 85), são “termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo”. Esses pronomes, fora do discurso, são nomeados como dêiticos, formas vazias de sentido.

4.2 CURSO DE CONVERSACIÓN EN LENGUA ESPAÑOLA

A *Presentación* do livro didático, assim nomeada, do curso de conversação em língua espanhola foi elaborada em língua espanhola, e inicia como um convite: ¡Sí querés charlar, acá tenés tu lugar! Neste caso, compreende-se que o locutor refere-se ao alocutário como tu. Tem-se conhecimento de que a subjetividade depende da inversibilidade do par *eu-tu*, a qual assegura um fator fundamental na atribuição de sentido à categoria de pessoa, à intersubjetividade. Com isso, na obra de Benveniste valoriza-se a (inter) subjetividade, porque ela, para Flores e Teixeira (2010), “está para a linguagem assim como a subjetividade está para a língua” (p. 34). Desse modo, a intersubjetividade, para Flores (2009), é definida como uma condição de experiência humana inseparável da linguagem, com experiência que reflete na língua e é, portanto, correspondente a uma experiência humana que influencia na língua.

Além disso, Flores (2008, p. 38) admite que “é a intersubjetividade que viabiliza o uso da língua”. Assim, a linguagem está diretamente ligada à intersubjetividade; pois, de acordo com Benveniste (1991), a linguagem é constitutiva do homem e a intersubjetividade lhe é inseparável. Dentro dessa perspectiva, essa vinculação existente entre linguagem e intersubjetividade é uma das principais características da teoria benvenistiana, pois refere-se à ligação do *eu* e do *outro* na enunciação.

Para Benveniste, quem fala refere-se pelo indicador *eu* a ele mesmo que fala e, desse modo, o ato de discurso que enuncia *eu* surgirá cada vez que for reproduzido como o mesmo ato para quem o entende e para o que o enuncia, sendo considerado como um ato novo, porque é realizado por um locutor em um novo momento do tempo. Pode-se pensar que o

mesmo ocorre na leitura, ou seja, existe um locutor (*eu*) e um alocutário (*tu*), um que enuncia e um que entende.

É importante destacar que, quando se considera a correlação de pessoalidade, *eu-tu* e *ele*, tudo o que é do comando de *ele* passa a ser enunciado por *eu* e assim faz parte da enunciação, como em: *¡Te invitamos a conocerlo!* Neste caso, observa-se que o locutor torna-se *eu* ao referir-se ao alocutário como *tu*. “Benveniste estende o papel da enunciação para toda a língua”, pois inclui tanto os indicadores de pessoa como os de não pessoa e, desse modo, o aparelho formal da enunciação aproxima a língua da fala, segundo Flores e Teixeira (2010, p.38).

Flores (2008) admite que Benveniste (1991) admite que a enunciação é a colocação da língua funcionamento, possibilita separar o ato do produto, ou seja, o objeto de estudo da linguística da enunciação do enunciado. A linguagem é, nesse contexto, a possibilidade da subjetividade, já que contém formas linguísticas adequadas à sua expressão, isto é, constituída de instâncias discretas, o discurso provoca a emergência da subjetividade.

Dentro dos conhecimentos de Benveniste, *eu-tu* abrangem a noção de pessoa e a *ele/ela* a noção de não-pessoa. Por isso, compete à categoria de não pessoa as marcas de objetividade: **El** *projecto Entrelínguas creado en el año de 2008*; **es** *coordinado*; **se** *constituye*; **los** *alumnos de Letras de las carreras de grado y posgrado tienen la oportunidad de participar de actividades de investigación y extensión que involucran saberes*; *forma de servicios que se le ofrecen*; y *los seminarios que se llevan*; *el proyecto realiza actividades*; y *la toma de exámenes*; **de** *participar de actividades de investigación*; **el** *curso de conversación ofrecido por el Proyecto Entrelínguas empezó a dictarse*; **respondiendo** *a una demanda*; **realizado** *cada semestre*, **el curso tiene el objetivo**; **utilizándose** *de una metodología*; **el material didáctico del curso lo elabora un equipo constituido**. Segundo Fiorin (1999, p.60), *ele* pode ser considerado como “substituto pronominal de um grupo nominal, de que tira a referência, actante do enunciado, aquele que *eu* e *tu* falam”.

Em uma sequência tipológica expositiva, em sequências explicativas, com verbos no presente, aparecem informações acerca da criação do projeto de ensino que oferece o curso de conversação em língua espanhola, apresentando também ao alocutário dados relacionados com a coordenação e componentes do Entrelínguas: *El Proyecto Entrelínguas, creado en el año 2008, es coordinado por la profesora [...] Se constituye en el espacio; Además de los aportes a nivel local, el proyecto realiza actividades.*

Também encontra-se a sequência tipológica descritiva, na qual os enunciados são desenvolvidos em uma estrutura simples: *El curso de conversación en lengua Española ofrecido por el proyecto Entrelínguas empezó a dictarse en el año 2008, respondiendo a una demanda de la comunidad académica de UFSM. Realizado cada semestre, el curso tiene el objetivo de promover la enseñanza y el aprendizaje [...].*

Os verbos *es, se constituye, tienen, se convierten, se le ofrecen, que se llevan, realiza, tiene, lo elabora* estão sendo utilizados na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, no tempo da enunciação. Assim, sempre que um locutor utiliza a forma gramatical do presente situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso pela qual foi mencionado. O texto também apresenta verbos conjugados em outros tempos verbais: *criado, ofrecido, realizado* no particípio passado; *respondiendo*, utilizándose no gerúndio; *empezó* no pretérito perfeito e *promover* no infinitivo. O tempo linguístico é o tempo da língua que é estabelecido cada vez que o sujeito enuncia. A temporalização, apresentada na apresentação do livro didático, indica que os fatos podem estar acontecendo, já ocorreram ou sucederão e é, conseqüentemente uma simulação da ação do ser humano.

No decorrer da *Presentación* tem-se em destaque, mais especificamente em negrito, através de uma sequência tipológica expositiva: *Presentación, El Proyecto Entrelínguas e El Curso de Conversación en Lengua Española*. Ao final da apresentação do livro didático, o locutor refere-se ao alocutário nomeando os supervisores e coordenadores do curso, mas não existe a assinatura dos autores da obra.

5. GÊNERO DO DISCURSO: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Os títulos das apresentações foram *presentación*. Como se trata de livros didáticos de espanhol, esses gêneros didáticos foram escritos, em maioria, na língua espanhola.

Segundo Benveniste, as categorias de pessoa e de tempo se constituem como modalidades elementares, independentes de toda determinação cultural e, através delas, pode-se visualizar a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem.

No decorrer do trabalho, foi destacado que, segundo Normand (2006, p. 19), “forma e sentido são intimamente ligados, um não fica sem o outro”, o que facilita a compreensão de que a forma e o sentido se complementam, ou seja, a maneira como informações são transmitidas tem um motivo.

Ao falar sobre enunciação, um tema considerado por Benveniste (1991), cabe expor que a subjetividade pode ser entendida como a capacidade de o locutor se propor como sujeito, e essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem, pois, o homem se constitui como sujeito na linguagem, e a linguagem fundamenta-se na realidade. Nesse contexto, a consciência de si só é possível pelo contraste estabelecido entre *eu - tu*, o diálogo aí então estabelecido é constitutivo de pessoa.

Nos textos analisados, foram verificadas referências do locutor ao alocutário: ¡Sí querés charlar, acá tenés tu lugar! Do mesmo modo, o que é do comando de *ele* passou a ser enunciado por *eu* e assim fez parte da enunciação, como em: ¡**Te** invitamos a conocerlo! Neste caso, observa-se que o locutor torna-se *eu* ao referir-se ao alocutário como *tu*.

Essas colocações vão ao encontro do que Benveniste (1991) explicava acerca da subjetividade que é determinada pela pessoa e pelo seu status linguístico. Além disso, os pronomes pessoais servem como um apoio para a subjetividade e são indicadores da dêixis, ou

seja, indicadores de pessoa. A dêixis pode ser representada num enunciado através de algumas formas (demonstrativos, advérbios, adjetivos, verbos) que a língua empresta ao indivíduo que deseja enunciar e, quando o faz, transforma-se em sujeito.

Com isso, os índices de ostensão, indicadores de pessoa, surgem como *indivíduos lingüísticos* cada vez que uma enunciação é proferida. Eles atualizam o discurso e são relacionados à estrutura de enunciação. Nos textos analisados, foram encontrados: pronomes possessivos (*su, sus, nuestra*), os pronomes demonstrativos (*ese, esta, esas, este*), os advérbios (*día*).

Também é possível perceber, na visão tipológica expositiva, algumas marcas de subjetividade: *Hoy en día, la lengua española **tiene** un papel social relevante, por **sus** relaciones; el idioma **es** algo muy importante; **es** un centro que **tiene** como propósito; entre **sus** acciones **están** los cursos; el curso **posee**, para que **puedan comunicarse**.*

No entanto, Fiorin (1999) destaca que, com a abolição das marcas de enunciação do texto, o discurso pode produzir somente efeitos de sentido de objetividade. O locutor refere-se ao alocutário em terceira pessoa do singular. Seguindo o pensamento de Fiorin (1989), a terceira pessoa possui uma situação diferenciada na conjugação, o que indica que *eu, tu* e *ele* têm um estatuto distinto, de forma que, enquanto *eu* e *tu* são cada vez únicos, o *ele* pode ser vários, qualquer ou nenhum sujeito. Desse modo, pode-se dizer que o locutor procura manter a neutralidade com o alocutário, a objetividade, não influenciando em suas decisões, somente repassando algumas informações. Assim, é possível compreender que o desaparecimento das marcas enunciativas constrói um discurso objetivo. Como em uma sequência tipológica expositiva de um dos textos as marcas de subjetividade são suprimidas:

Ubicación del centro

Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais
(Cepesli)

Prédio 67, sala 1103, campus Camobi, UFSM, Tel: 32209582

E-mail: cepesli.ufsm@gmail.com

Em algumas sequências tipológicas descritivas, isso também acontece, como em: *Es un centro que tiene como propósito desarrollar investigaciones en el área de lenguas instrumentales; El curso de conversación en lengua Española ofrecido por el proyecto Entrelinguas empezó a dictarse en el año 2008, respondiendo a una demanda de la comunidad académica de UFSM. Realizado cada semestre, el curso tiene el objetivo de promover la enseñanza y el aprendizaje [...]*.

O enunciador utiliza a língua para influenciar de certa forma o comportamento do alocutário, de modo que o homem ao falar recria, a cada instante, a língua. As apresentações dos livros didáticos foram elaboradas com verbos no presente e no passado isso significa que Benveniste expõe que uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico e outra é inseri-lo no tempo da língua: Os verbos *se constituye, se convierten, se le ofrecen, se llevan, realiza, tiene, tienen*, estão sendo utilizados no presente do indicativo; *ofrecido* no particípio passado; *respondiendo, utilizándose* no gerúndio; *empezó* no pretérito perfeito e *comunicarse* no infinitivo. Benveniste (2006, p.74) admite que “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo”. Com isso, pode-se entender que a especificidade do tempo linguístico, segundo o autor, está no fato de que ele se liga diretamente à enunciação; esse tempo é centrado no presente da instância de discurso.

Dentro dessa conjuntura, Motta-Roth (2005, p.181) assegura que “vale acrescentar que o conhecimento humano é construído através de gêneros – linguagem usada em contextos recorrentes da experiência humana – socialmente compartilhados”. Além disso, ela enfatiza que “é importante encararmos “gêneros” como atividades culturalmente pertinentes, mediadas pela linguagem num dado contexto de situação, atravessado por discursos de ordens diversas”. A partir dessas colocações, é possível dizer que os gêneros podem ser considerados como tipos “relativamente estáveis” de enunciados elaborados pelas distintas esferas da atividade humana. Desse modo, é possível admitir que as apresentações analisadas possuem características comuns, um conteúdo similar, um estilo verbal semelhante e uma construção composicional do enunciado parecida que fazem com que elas pertençam a um mesmo tipo de gênero discursivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procurou-se desenvolver uma forma de analisar enunciados com o objetivo de verificar e contrastar como o sujeito se marca na apresentação de livros didáticos, a partir das marcas enunciativas presentes nas categorias de pessoa e de tempo. Do mesmo modo, pensou-se em comparar a subjetividade e a objetividade dos sujeitos da enunciação nas apresentações dos livros, usando como aparato teórico a Teoria da Enunciação, de fundamento benvenistiano.

Em primeiro lugar, é importante destacar que o sujeito também se marca de outras maneiras na materialidade; no entanto, neste trabalho o objetivo é explorar somente como o sujeito se marca a partir das marcas enunciativas presentes nas categorias de pessoa e de tempo. Pode-se, com isso, dizer que o *corpus* de análise – apresentações de livros didáticos – apresenta marcas visíveis de subjetividade (pessoa e tempo) e de objetividade, em função de os enunciados estarem constituídos pelo locutor não-pessoa e pessoa.

Nas apresentações dos livros, foi evidenciada a utilização de verbos na segunda pessoa do plural, o que acaba evitando a objetividade na enunciação. No entanto, entende-se que ela possui o valor de terceira do singular, o que indica que ocorrem as duas possibilidades, tanto da subjetividade como a da objetividade. Assim, entende-se a presença da objetividade e da subjetividade varia de acordo com a troca do sujeito da enunciação (primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular).

No decorrer dos textos, encontraram-se também exemplos da presença da objetividade, nas quais o locutor refere-se ao alocutário em terceira pessoa do singular, ou seja, o *ele* pode ser diversos, qualquer ou nenhum sujeito, ou seja, a correlação de não pessoa (pessoa não subjetiva *ele*). Com isso, pode-se dizer que o locutor procura, em alguns momentos, manter a neutralidade com o alocutário, somente oferecendo algumas informações necessárias.

No decorrer das leituras dos textos de Benveniste, ficou entendido que uma característica da enunciação é o fortalecimento da relação discursiva com o parceiro, de modo que a enunciação coloca duas figuras que formam a estrutura do diálogo. De forma que essa descrição implica a emergência dos índices de pessoa (relação *eu – tu*) que se produz na e pela enunciação, ou seja, a propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e pelo seu status linguístico.

Os pronomes demonstrativos, possessivos, advérbios, adjetivos e verbos encontrados nos textos analisados fazem com que o enunciador transforme-se em sujeito. Eles evidenciam a presença da subjetividade no enunciado, pois são indicadores de pessoa, conhecidos como índices ostensivos.

Constatou-se que as apresentações dos livros didáticos contêm verbos no presente e passado, o que indica que os acontecimentos fazem parte do tempo. O tempo linguístico, como já foi evidenciado, é considerado o mesmo da instância da fala, de maneira que o presente é reinventado a todo o momento em que um homem fala. Por isso, o presente linguístico é a única expressão temporal que determina as outras referências de tempo.

A partir da análise desses textos introdutórios, foi possível evidenciar que os gêneros discursivos podem ser considerados como tipos estáveis de enunciados elaborados pelas atividades humanas. No caso do *corpus* do trabalho, foram encontradas uma série de semelhanças e algumas diferenças relacionadas com a forma como o sujeito enunciativo se marca. Por isso, pode-se dizer que as características comuns, nas apresentações dos livros didáticos, fazem com elas componham um mesmo tipo de gênero do discurso. Desse modo, são atividades socio-discursivas compostas por um mesmo tipo de conteúdo, um estilo verbal e com uma construção composicional similar de enunciado.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação: As Categorias de Pessoa, Espaço e Tempo*. São Paulo: Ática, 1999.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FLORES, Valdir do Nascimento (orgs.). *Dicionário de Linguística de Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento (et. al.). *Enunciação e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. *Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade*. Disponível em: <http://www.cvps.g12.br/centropedagogico/Centro%20Ped%202009/pdf/cursos%20e%20assessorias/LP/2009/Maria%20Jos%C3%A9/NII/G%C3%AAneros%20textuais%20d...pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.
- MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005, p. 179-202.
- NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera Lúcia (Org.). *Letras*, Santa Maria, v. 33, p. 13-35, jul./dez. 2006.

SEÑAS: *Diccionario para La enseñanza de la lengua española para brasileños*. Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de Filología; tradução de Eduardo Brandão, Claudia Berliner. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Caroline Mitidieri SELVERO

Possui graduação em Letras – Licenciatura Plena: Língua Espanhola e respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - 2007) e graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano (2005). É especialista em Gestão Educacional pela UFSM (2010). Faz mestrado em Estudos Linguísticos na UFSM. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em ensino Instrumental de Línguas Estrangeiras, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol – língua estrangeira, cultura, formação do professor, interação professor/aluno, língua estrangeira, educação e reflexões.

Viajando con E/LE

PRESENTACIÓN

Hoy en día, la lengua española tiene un papel social relevante, por sus relaciones económicas, socioculturales y educacionales, establecidas, en el caso de Brasil, principalmente por el Mercosur. Por ese motivo conocer este idioma es algo muy importante para nuestra sociedad.

El *Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (CEPESLI)*, es un centro que tiene como propósito desarrollar investigaciones en el área de lenguas instrumentales, garantizando la experiencia de profesor a los alumnos de graduación y postgrado en Letras, bien como ofrecer esos resultados a la sociedad. Entre sus acciones están los cursos de lengua española y portuguesa como lenguas extranjeras con fines específicos.

OBJETIVO DEL CURSO VIAJANDO CON E/LE

El curso posee el objetivo de instrumentalizar los interesados - turistas, intercambistas, empresarios - para que puedan comunicarse en las diversas situaciones con las que se depara un viajante en países de lengua española como Argentina, Uruguay, Paraguay y Chile.

UBICACIÓN DEL CENTRO

Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (Cepesli).

Prédio 67, sala 1103, campus de Camobi, UFSM. Tel: 32209582.

E-mail: cepesli.ufsm@gmail.com.

Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais

CEPESLI/UFSM

PRESENTACIÓN

¡Bienvenido al Curso de Conversación en Lengua Española del *Projeto Entrelínguas*! ¡Si querés charlar, acá tenés tu lugar!

El *Projeto Entrelínguas*

El *Projeto Entrelínguas*, creado en el año 2008, es coordinado por la profesora Eliana Sturza del curso de Letras de la UFSM. Se constituye en un espacio donde los alumnos de Letras de las carreras de grado y postgrado tienen la oportunidad de participar de actividades de investigación y extensión que involucran saberes relativos a las lenguas y sus interconexiones. Dichas actividades se convierten en conocimiento compartido con la comunidad en forma de servicios que se le ofrecen, como los cursos de lenguas (Español y Portugués para extranjeros) y los seminarios que se llevan a cabo durante cada año.

Además de los aportes a nivel local, el proyecto realiza actividades de alcance internacional como el "Seminario de Español y Portugués como Segundas Lenguas y Lenguas Extranjeras", en conjunto con la UNER (Universidad Nacional de Entre Ríos/Argentina), y la toma de exámenes de acreditación de nivel lingüístico a alumnos extranjeros (CELU-Certificado de Español Lengua y Uso y CELPE-BRAS-Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros).

El curso de Conversación en Lengua Española

El curso de Conversación en Lengua Española ofrecido por el *Projeto Entrelínguas* empezó a dictarse en el año 2008, respondiendo a una demanda de la comunidad académica de UFSM. Realizado cada semestre, el curso tiene el objetivo de promover la enseñanza y el aprendizaje de la Lengua Española dirigidos a la expresión oral y a la comprensión auditiva, utilizándose de una metodología comunicativa y a través de temas actuales. El material didáctico del curso lo elabora un equipo constituido por académicos de grado y postgrado de la carrera de Letras-Español de UFSM, con la supervisión y coordinación de los profesores Fabiana Fernandes y Marcus Fontana.

¡Te invitamos a conocerlo!